
Direito à Vida: um valor liberal durante a pandemia da Covid-19?

por **Luigi Fialho**

Liberalismo e o direito à vida

O liberalismo estabelece a vida como um direito humano fundamental, do qual todos os indivíduos, indistintamente e em pé de igualdade, devem gozar. Não à toa, na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), a vida é o primeiro direito citado, no Artigo 3 (ONU, art.3, 1948). Fruto de uma convergência de interesses ao fim da Segunda Guerra Mundial, no mesmo movimento que levou à criação da ONU, a DUDH é, sem dúvida, uma conquista e um legado do liberalismo. Incluindo traços de distintas correntes ideológicas e adaptando conceitos do liberalismo clássico a roupagens mais modernas, a Declaração, mais de 70 anos depois, ainda é uma referência de utopia social e praticamente uma unanimidade mundo afora.

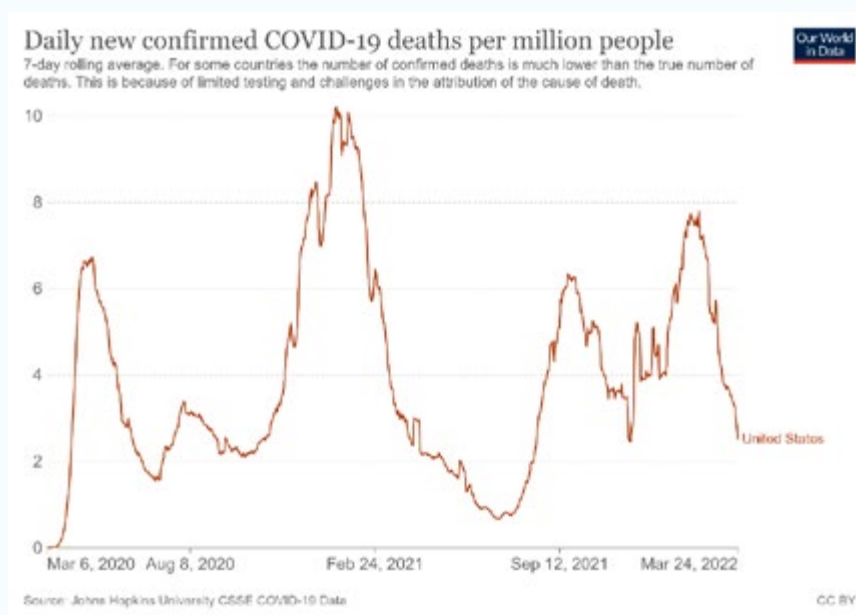
É desnecessário ressaltar, contudo, que a humanidade vê à distância um eventual estabelecimento pleno dos Direitos Humanos (DH). Diversos agentes, em todos os níveis, ao redor do planeta ferem os DH a cada instante. Mesmo os países, instituições e comunidades que os respeitam falham em aplicá-los em plenitude. Entretanto, há determinados eventos que se sobressaem nesse cenário global. Atentados flagrantes, como crimes de guerra, genocídios, ou escravidão em massa chamam de imediato a atenção e evidenciam regimes brutais e autoritários, guerras ilegítimas e multinacionais inescrupulosas. Outras situações, no entanto, vêm à tona pelo cinismo. Lar de diversas correntes ideológicas que reivindicam uma suposta superioridade moral ou “civilizatória”, os países ocidentais, não raramente, utilizam os Direitos Humanos como ferramenta política. A herança do liberalismo e de seus direitos fundamentais é tida como fonte de valores mais evoluídos, contudo, a prática conta, frequentemente, outra versão da história. O absoluto desastre que vem sendo o enfrentamento à pandemia de Covid-19 em muitos dos países desse imaginado ‘Ocidente’ atesta uma incoerência cínica da natureza dos piores massacres.

Respostas à pandemia

Nos primeiros dias do ano de 2020, a China chocou o mundo ao revelar – sob diversas interpretações, com um injustificável atraso (BUCKLEY et al., 2020) – o início de uma epidemia brutal que começava a assolar a província central de Hubei, na sequência da detecção dos primeiros casos de infecção ainda no final de 2019 (G1, 2020). O então ‘novo coronavírus’ rapidamente se espalhou, nos primeiros meses de 2020 e, após uma assustadora onda na Itália, levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a decretar o estado de pandemia, em meados de março (OPAS, 2020). Inicialmente, a China impressionou ao provocar duros fechamentos, os famigerados lockdowns, e uma política de rastreio de contatos. Copiados meses depois pelo resto do mundo, esses mecanismos preventivos com duração reduzida e tiveram sucesso contestável em boa parte dos países ocidentais.

Em 2 anos e 11 bilhões de doses de vacina aplicadas, os reflexos são apavorantes. Enquanto os EUA se aproximam da marca de 1 milhão de mortes decorrentes da Covid-19, e o Reino Unido ultrapassa a marca de 170 mil – às médias de cerca de 3 mil e 2,3 mil mortes por milhão de habitantes, respectivamente – a China acumula por volta de 5 mil mortes totais em todo o período, ou pouco mais de 3 mortes por milhão (RITCHIE et al., 2022). Tal índice atordoante é cerca de mil vezes inferior ao estadunidense. Outro dado, igualmente perturbador: em cerca de 400 dias (o equivalente a 13 meses) desde o início da pandemia, os EUA registraram um índice de mortes diárias superior a 3 por milhão (RITCHIE et al., 2022). Sendo assim, proporcionalmente, os registros indicam uma quantidade 400 vezes maior de pessoas que morreram nos Estados Unidos em um único dia do que o total registrado na China ao longo de dois anos. Como foi possível chegar a resultados tão brutalmente díspares?

Figura 1: Novas mortes diárias confirmadas por Covid-19 por milhão de pessoas (EUA)



Fonte: RITCHIE et al., 2022. Our World In Data.

As razões para cada país ter seguido seu singular caminho são evidentemente múltiplas. A conjunção de fatores que levou a esse cenário é complexa e, decerto, seria impossível exaurir todos esses com o critério necessário. Uma conclusão, contudo, é preliminar, mas inescapável: as decisões, as condutas, a forma com que determinadas sociedades se organizaram em torno da crise da pandemia representam um desprezo evidente ao direito à vida. É simples assim.

Os Estados Unidos, ao longo dos últimos dois anos, colecionaram uma série de péssimas políticas de saúde pública (LEWIS, 2021). Epicentro da pandemia, desde abril de 2020, concentrando casos e mortes, o país jamais coordenou uma política de lockdown em todo seu território, deixando a cargo dos estados esse tipo de decisão (GUIMÓN, 2020). O uso de máscaras, recomendado pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, na sigla em inglês), tampouco foi obrigatório nacionalmente em qualquer estágio da pandemia. Mesmo a recomendação do uso de máscaras foi retirada para vacinados ainda em 2021 (FERNANDES, 2021). Desincentivados pelo então presidente Donald Trump (LEWIS, 2021), os hábitos de proteção – individual e pública – foram rapidamente rejeitados por diversos grupos políticos radicalizados (GUIMÓN, 2020). O uso de máscaras gerou controvérsias em território estadunidense desde o princípio da pandemia. Trump advogou negativamente em diversos outros aspectos: foi um dos principais divulgadores do uso da cloroquina como tratamento ou terapia preventiva para a Covid-19 (SANCHES, 2020), e iniciou o processo de retirada dos EUA da OMS (G1, 2020) – política posteriormente revertida por Biden.

5 “I believe in science. Donald Trump doesn't. It's that simple, folks.”
– No original

Trump, a seu favor, teve o incentivo à produção de vacinas, que os Estados Unidos obtiveram em tempo recorde (LEWIS, 2021). O ex-presidente, no entanto, não conseguiu reverter a rejeição que enfrentou devido à péssima condução da pandemia, o que certamente contribuiu para sua derrota nas eleições. Trump deixou o governo com pouco mais de 400 mil cadáveres atrás de si (VALOR, 2021). Biden foi incapaz de reverter a altíssima mortalidade. Em pouco mais de um ano, o democrata, que utilizou a crença na ciência como contraponto ao seu adversário eleitoral – o qual publicou em seu Twitter que dizia “Eu acredito em ciência. Donald Trump, não. É simples assim, pessoal”⁵ –, vê seu país se aproximar do número total de 1 milhão de mortes (RITCHIE, et al., 2022). Some-se a isso a inexistência de um sistema de saúde público e acessível, e está dado o cenário da tragédia no país e da incapacidade da sociedade estadunidense em se organizar no sentido da autopreservação.

O Reino Unido seguiu caminho semelhante. Após causar polêmica por declarar que tentaria superar a pandemia por meio da chamada “imunidade de rebanho”, incentivando o contágio geral na esperança de garantir a imunização coletiva – o que supostamente faria o vírus parar de circular –, ainda em março de 2020, o governo britânico voltou atrás e inaugurou uma política de lockdowns (DE MIGUEL, 2020). Dois anos depois, é perceptível que as medidas surtiram pouco efeito ou, quando

surtiram, apenas serviram para dirimir os impactos do descontrole anterior. Seja pela baixa adesão da população às medidas sanitárias (MACASKILL et al., 2020), seja pela ineficácia do isolamento da forma que foi implementado, o Reino Unido chega a 2022 com um histórico tenebroso, mesmo que os números atuais estejam consideravelmente menos alarmantes – muito graças à vacinação. Um dos períodos em que o Reino Unido enfrentou maiores dificuldades, a chamada segunda onda europeia foi especialmente devastadora, provocando um pico de mortes entre o fim de 2020 e os primeiros meses de 2021 que chegou a alcançar o índice diário de 18 mortes por milhão (RITCHIE, et al., 2022).

A China, em oposição, há dois anos trata a Covid-19 com a seriedade que a principal causa mortis do planeta no último ano merece. Com testagens em massa, rastreios de contatos e, repetidas vezes, lockdowns em cidades ou regiões inteiras, o país tem garantido, nos últimos dois anos, a efetividade da política “covid zero” (WANG; SONG, 2022). Tendo a esmagadora maioria de seus casos e mortes concentrada em Hubei e restrita temporalmente aos meses entre o fim de 2019 e o início de 2020 (RITCHIE, et al., 2022), a China atingiu um patamar de controle inimaginável na maior parte das regiões do mundo.

O regime chinês, decerto, não se encaixa nas definições de democracia liberal do mundo ocidental. Seu autoritarismo, certamente, é condenável, e o modelo de Estado, altamente criticado pela maioria das vertentes políticas com viés crítico. Os resultados, todavia, deveriam incitar, no mínimo, profundas e sinceras reflexões e autocrítica. Se, aos olhos do Ocidente, o modelo político-social estabelecido pelos chineses é inadequado e equivocado, por que razão o modelo defendido e implementado pelos pretensos defensores da vida e dos DH é tão inequivocamente incompetente, frente à eficiência das medidas implementadas pela China? Mais uma vez, é evidente, as respostas não são simples. Há uma conclusão, no entanto, que dificilmente pode ser discutida. O sistema capitaneado pelo ideário liberal, a bem da verdade, não tem a vida humana como seu mais inegociável objeto de proteção

Ética?

Yuval Harari, célebre autor liberalista, faz questão de não esconder suas críticas ao modelo liberal, tampouco seu receio de que este, num futuro próximo, apresente inconsistências ou deficiências difíceis de sustentar. Em seu livro ‘21 Lições para o Século 21’, Harari discute algumas dessas possibilidades. A existência de uma espécie de autocracia tecnológica, um regime autoritário que reúna uma quantidade gigantesca de dados e detenha capacidade de processamento e tecnologia de vigilância é um eventual desafio que o autor aponta. Segundo ele, a China é um dos países que caminha a passos largos nesse sentido (HARARI, 2018). Em entrevista concedida em fins de 2019, ele complementa que a obtenção e o processamento de dados de forma descentralizada e desconcentrada tem sido, até o momento, uma conjunção entre o ético e o eficiente. E

que há, no entanto, uma tendência para o desenvolvimento de sistemas centrais de monitoramento altamente eficazes que, com o auxílio de algoritmos e tratamento de big data, talvez sejam capazes de suplantar a eficiência da descentralização, separando, portanto, o modelo mais ético – não-centralizado – do mais eficiente (HARARI, 2019).

A pandemia da Covid-19 pôs à prova esse raciocínio. Se a eficiente centralidade chinesa é um dissenso ético aos princípios liberais, como fazer semelhante avaliação tendo em vista os resultados do combate à pandemia? A vida é um dos direitos básicos do liberalismo. Um modelo que claramente não a preserva ainda pode fazer qualquer reivindicação ética para si?

Conclusão

A tragédia da pandemia não assolou somente as potências ocidentais. Os países em sua direta esfera de influência apresentaram resultados muito próximos, com raras exceções. Entre os 40 países com maior índice acumulado de mortes registradas por milhão de habitantes, 28 são europeus e 11 americanos (RITCHIE, et al., 2022). E a ideologia liberal, os valores ocidentais, a valorização à vida permanecem, ao que tudo indica, apenas no papel.

O Brasil é um dos países cujo governo reproduziu fielmente as sórdidas políticas estadunidenses. Emulando, com extraordinária semelhança, Donald Trump (CABRERA, KIRKPATRICK, 2020), Bolsonaro levou o país à vala. Carregou às últimas consequências a defesa da ineficaz hidroxicloroquina como tratamento para a Covid-19 (CABRERA, KIRKPATRICK, 2020), advogou contra o uso de máscaras e, assim como Trump (LEWIS, 2021), desprezou a Covid-19 como não mais que uma “gripezinha”. O resultado é um índice de mortes por milhão quase idêntico ao estadunidense – 3,1 mil (RITCHIE, et al., 2022). Duramente criticado por seus pares internacionais, Bolsonaro, frequentemente, é tido como autoritário, antidemocrático e até mesmo iliberal. Se em alguns aspectos essas críticas são perfeitamente adequadas, quando o assunto é a pandemia elas são apenas cínicas e oportunistas. Afinal, a defesa dos Direitos Humanos enquanto bandeira política não vai até a página dois. Se o liberalismo é a ideologia fundamental do Ocidente, em termos de pandemia, os países do oeste adotaram a variante bolsonarista: “nossa liberdade [...] vale mais que a própria vida” (BOLSONARO, 2021).

Referências

BOLSONARO, J. **"A nossa liberdade vale mais que a nossa própria vida", diz Bolsonaro após novo recorde de mortes por Covid.** O POVO Online, 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/OPOVO/videos/a-nossa-liberdade-vale-mais-que-a-nossa-pr%C3%B3pria-vida-diz-bolsonaro-ap%C3%B3s-novo-rec/808191996760443/>. Acesso em: 25 mar. 2022.

BUCKLEY, C. et al. 25 **DAYS THAT CHANGED THE WORLD: HOW Covid-19 SLIPPED CHINA'S GRASP.** The New York Times, 5 nov. 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/12/30/world/asia/china-coronavirus.html>. Acesso em: 30 abr. 2022.

CABRERA, J. M. L.; KIRKPATRICK, D. **HOW TRUMP AND BOLSONARO BROKE LATIN AMERICA'S Covid-19 DEFENSES.** The New York Times, 27 out. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/10/27/world/trump-bolsonaro-coronavirus-latin-america.html?action=click&module=RelatedLinks&pgtype=Article>. Acesso em: 30 abr. 2022.

DE MIGUEL, R. **Quando o coronavírus obrigou Boris Johnson a deixar de ser Boris Johnson.** El País, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-23/quando-o-coronavirus-obrigou-boris-johnson-a-deixar-de-ser-boris-johnson.html>. Acesso em: 25 mar. 2022.

FERNANDES, V. **CDC dispensa uso de máscaras para pessoas vacinadas nos EUA.** Panrotas, 13 mai. 2021. Disponível em: https://www.panrotas.com.br/mercado/destinos/2021/05/cdc-dispensa-uso-de-mascaras-para-pessoas-vacinadas-nos-eua_181503.html. Acesso em: 25 mar. 2022.

G1. **Cronologia da expansão do novo coronavírus descoberto na China.** G1, 22 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/01/22/cronologia-da-expansao-do-novo-coronavirus-descoberto-na-china.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2022.

G1. **Trump anuncia que iniciou retirada formal dos EUA da OMS.** G1, 07 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/07/07/trump-vai-retirar-formalmente-os-eua-da-oms-diz-agencia.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2022.

GUIMÓN, P. **O que pensam as pessoas nos EUA que, mesmo no epicentro da pandemia, protestam contra a quarentena.** El País, 10 mai. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-05-10/o-que-pensam-as-pessoas-nos-eua-que-mesmo-no-epicentro-da-pandemia-protestam-contra-a-quarentena.html>. Acesso em: 25 mar. 2022.

HARARI, Y. N. 21 **Lições para o Século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Y. N. **Yuval Noah Harari & Steven Pinker in conversation**. YouTube, 7 out. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qHSzejQ95I>. Acesso em: 30 abr. 2022.

RITCHIE, H. et al. **Coronavirus (Covid-19) Deaths**. Our World in Data, 25 mar. 2022. Disponível em: <https://ourworldindata.org/covid-deaths>. Acesso em: 25 mar. 2022.

SANCHES, M. **Lançada por Trump e propagandeada por Bolsonaro, hidroxcloroquina está vetada em hospitais nos EUA**. BBC, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53370870>. Acesso em: 25 mar. 2022.

LEWIS, T. **How the U.S. Pandemic Response Went Wrong—and What Went Right—during a Year of COVID**. Scientific American, 11 mar. 2021. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/how-the-u-s-pandemic-response-went-wrong-and-what-went-right-during-a-year-of-covid/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 217 [III] A, 1948, Paris, art.3. Disponível em: https://www.ohchr.org/sites/default/files/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf.

OPAS. **OMS afirma que Covid-19 é agora caracterizada como pandemia**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-Covid-19-pandemic>. Acesso em: 25 mar. 2022.

UN. **Universal Declaration of Human Rights. United Nations**, [2021?]. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/universal-declaration-of-human-rights>. Acesso em: 25 mar. 2022.

VALOR. **Governo Trump termina com mais de 400 mil mortos na pandemia**. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2021/01/19/governo-trump-termina-com-mais-de-400-mil-mortos-na-pandemia.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2022.

WANG, K; SONG, W. **Covid: como é a estratégia da China de tolerância zero contra o coronavírus**. BBC, 12 jan. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59966068>. Acesso em: 25 mar. 2022.